

## Índice

Nota prévia	9
<i>Luto sem Bússola</i>	
Começo	19
Dor	21
Robótica	25
Identidade e fantasma	29
Fases	35
Cérebro	39
Protagonismo	43
Desaparecimento	47
Mausoléus e múmias	51
Noite	57
Saudade	65
Amonas	71
Consolação	77
Travessia	83
Epílogo: Eternidade	87



## Nota prévia

Este pequeno livro é o último que virá a ser publicado na editora Reino de Redonda, criada por Javier Marías, com quem compartilhei esse projeto e com quem compartilhei a vida.

Como já noutra ocasião expliquei, era ele quem decidia que títulos iriam fazer parte do nosso catálogo. Embora os discutisse comigo, ou de comum acordo procurássemos ou descartássemos alguns, as ideias eram dele, que sabia o que queria resgatar, preservar ou dar a conhecer, enquanto a minha tarefa era transformar esses livros em objetos materiais e fazer que tivessem uma vida pública. Uma tarefa substituível, ao contrário da de Javier, que ninguém pode agora continuar.

Acabo de fazer sair em dois volumes o texto de Rebecca West, *Cordero negro y halcón gris*<sup>\*</sup>, que era o último cujos direitos tínhamos adquirido, e, embora a minha ideia fosse manter o fundo disponível, reeditando o que se fosse esgotando, tal não será possível por razões económicas. É fácil ver pelas características dos livros que o seu custo não é barato, de maneira que continuarei enquanto o permitirem as receitas recebidas pelas vendas,

<sup>\*</sup> Título da tradução espanhola do livro de Rebecca West *Black Lamb and Grey Falcon*, publicado em 1941. (N. T.)

quer dizer, continuarei a reeditar enquanto haja meios para o fazer, após o que terei de fechar.

Depois de vermos a magnífica série sobre os Bórgias — não a de Neil Jordan, mas a criada por Tom Fontana e dirigida por Oliver Hirschbiegel —, Javier e eu fixámo-nos num personagem central, ainda que sempre em segundo plano, Johann Burchard, o mestre de cerimónias do papa Alexandre (bem como de outros papas), de cujas notas provém quase tudo o que se sabe sobre a famosa família valenciana, e propusemo-nos editar o livro que recolhe esses escritos.

Teria sido o nosso próximo título, mas a doença de Javier caiu-nos em cima e não chegámos a levar por diante o nosso propósito, e por isso deixo aqui a ideia para o caso de haver alguém interessado que queira pegar no testemunho. O livro, em tradução inglesa, chama-se *At the Court of the Borgia* e não é difícil de encontrar.

*Duelo sin brújula*, embora publicado pela Redonda, não é propriamente um livro da coleção. Não é sequer um livro, mas uma reflexão sobre o luto e sobretudo sobre o meu luto por Javier.

Houve pessoas ponderadas e entendidas que me desaconselharam a publicação com esta chancela, tendo em conta as possíveis críticas que possa receber. Mas não tomarei conhecimento dessas críticas. Vivo já muito isolada desse sector que era o nosso.

Publico-o na Reino de Redonda porque era a nossa editora e precisamente por isso me parece o lugar mais idóneo para o fazer.

Trata-se de uma autoedição, cujas receitas, como consta da página de créditos, irão para a fundação com o nome de Javier que os meus filhos e eu constituímos.

Assim pois, para terminar, agora que um dos dois já não está nesse projeto que era de ambos, ao outro não resta mais do que despedir-se.

Agradeço a todos os que nos acompanharam ao longo destes anos.

Aos leitores, pela sua cumplicidade, a sua atenção e as suas compras, e que através delas tornaram possível a continuidade da editora.

Aos amigos e conhecidos que quiseram participar generosamente no jogo escrevendo prólogos ou fornecendo dados, muito especialmente a Antonio Iriarte, nosso estreito colaborador, tradutor, leitor e documentalista, sem o qual tudo teria sido muito mais difícil, para não dizer impossível.

Aos responsáveis da Comunicação da Penguin Random House, aos membros da rede comercial e às empresas de artes gráficas que com tanto esmero tornaram os livros realidade.

Aos livreiros que ajudaram a fazê-los visíveis.

À agência Casanovas & Lynch pelo seu trabalho para a nossa editora por amor à arte.

Aos autores e jornalistas culturais que deram eco às nossas publicações.

E a Montse Vega, Reyes Pinzás e Inés Blanca, que, por amizade, fizeram o mesmo a partir do *website* e do blogue não-oficiais de Javier em diferentes momentos.



Luto sem Bússola



*Para as minhas queridas Raquel, Ruth e Marisa  
E para os seus queridos ausentes,  
Rafa, Alejandro e Rafael*

*E muito especialmente para ti, meu bem*



Embora tenhamos uma grande capacidade inata para estabelecer vínculos, não há na nossa biologia nada que nos ajude a lidar com a sua rutura, o que significa que o luto é uma coisa que temos de aprender por experiência própria.

*La mente bien ajardinada*\*,  
SUE STUART-SMITH, psiquiatra

\* Título original: *The Well Gardened Mind*, 2020. (N. T.)



## Começo

Primeiro chega a morte. Depois o luto. A desolação infinita.

Um tempo acompanhado de dor, perplexidade e da mais absoluta tristeza, de desconcerto, incredulidade, conselhos e opiniões. Também de tentativas de consolo, destinadas ao fracasso.

Nada nos prepara para a perda, menos ainda quando esta é devastadora, por mais que a razão nos diga que é uma possibilidade. A realidade é que, quando chega, não sabemos como enfrentá-la.

Não falo já dessa avalanche de decisões sobre féretros ou urnas, flores, jazigos, inumações, trâmites que nos caem em cima quando tem lugar o falecimento, no meio da nossa alienação e muitas vezes do nosso esgotamento, físico e emocional, depois do tempo da agonia de quem nos morreu. Falo de como voltar a transitar na vida após a comoção e os dias de licença. Estes últimos só quando temos essa sorte, porque não é coisa com que todos possamos contar.

*Terra incognita*, era assim que se denominavam nos mapas antigos os territórios desconhecidos, que, porque o eram, os cartógrafos enchiam de seres imaginários. “Para lá há dragões”, advertiam. Ou seja, monstros.

Na *terra incognita* do luto também os encontraremos. Às vezes os que surgem de nós mesmos e outras vezes chegados de lugares estranhos e inesperados. Mas vamos ter de os enfrentar a todos, sós, sem mapa e, ao contrário do que Javier, o meu marido, dizia que guiava a sua escrita, também sem bússola.

Porque uma das muitas coisas más que vamos entretanto descobrir no luto é que se trata de um deserto sem pontos de referência que ninguém pode percorrer por nós e só a muito custo conosco.

E, quando com o passar dos dias recuperamos parte do intelecto que se nos esvaiu com o golpe e a dor, ser-nos-á revelada outra coisa igualmente desconcertante: que, doravante, numa existência esvaziada irão conviver duas realidades, a nossa, a dos que sofremos diretamente a morte do nosso morto, e a de todos os outros.

Separados por um abismo que parece impossível de transpor.